

TENSIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE NO CONTO “A MENINA DE LÁ”, DE *PRIMEIRAS ESTÓRIAS*

Tensive categories and intersubjectivity in the short story “A menina de lá”, in Primeiras estórias

Eliane Soares de LIMA¹
Para Luiz Tatit

Resumo: Com base nos apontamentos feitos por Luiz Tatit nas análises realizadas em seu livro *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, e também em outros textos seus, nosso intuito é o de examinar e descrever a configuração tensiva que subjaz ao conto “A menina de lá” (de *Primeiras Estórias*, 1962). Interessa explicitar as operações sintáticas que estão na base da estruturação narrativa e discursiva da trama e que, por isso mesmo, respondem pela sua força de convocação sensível-inteligível. Conforme procuraremos demonstrar, por meio da construção das personagens dessa narrativa, Rosa traz valiosas contribuições acerca das condições que regulam a interação entre os sujeitos.

Palavras-chave: Semiótica. Tensividade. Intersubjetividade. Destinador. Destinatário-sujeito.

Abstract: Our starting point for this paper is Luiz Tatit’s analytical view on Brazilian writer João Guimarães Rosa, included in his (2010) book *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, among other essays. We intend to examine and describe here the tensive dynamics underlying the short story “A menina de lá” (from *Primeiras Estórias*, 1962). In order to do so, syntactic operations found beneath both narrative and discursive structures of this tale should be examined insofar as they are accountable for its sensitive-intelligible power. By creating this narrative’s characters, Guimarães Rosa brings about some valuable clues on the conditioning of the interaction between fictional subjects.

Keywords: Semiotics. Tensive categories. Intersubjectivity. Addresser. Subject-addressee.

¹ Lima. USP. Endereço eletrônico: li.soli@usp.br

- | Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*

Introdução

Si la plupart des analystes se contentent des “données immédiates” de la perception, certains esprits s’efforcent de percer le secret de la fabrication de ces données.
(Claude Zilberberg)

Em seu livro *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, Luiz Tatit (2010) busca demonstrar – a partir do exame atento de alguns contos de *Primeiras estórias* (ROSA, 2001[1962]) – que as obras do autor mineiro, para além da densidade mítica e simbólica do seu universo semântico, apontam para uma percepção fina da forma do conteúdo humano, das articulações que a dinamizam e lhe dão sentido. Como explica o semioticista (TATIT, 2010, p. 13), “entre as particularidades de Guimarães Rosa está a de articular, sem prejuízo do resultado figurativo do texto, as relações profundas que asseguram nossa compreensão de superfície”, acrescentando: “o autor estuda minuciosamente o nível profundo e abstrato da construção do sentido” (TATIT, 2010, p. 21). Assim, Tatit (2010) chama a atenção para o fato de os valores tensivos subjacentes ao desenvolvimento discursivo das narrativas se colocarem, muitas vezes, como elementos-chave para a completa apreensão da significação dos enunciados rosianos, uma vez que o seu sentido não é dado, ou explicitado, no e pelo universo figurativo e temático – semântico – das suas “estórias”, mas toma forma e se deixa apreender na própria articulação e no funcionamento das operações sintáticas que sustentam cada uma delas.

Assumindo, pois, essa perspectiva de análise, que vê as narrativas rosianas não apenas como objetos de estudo, mas, sobretudo, como estudos sobre os processos de construção do sentido (TATIT, 2010), é nossa intenção examinar, através da descrição dos elementos estruturais do conto “A menina de lá”, também de *Primeiras estórias*, a influência das configurações tensivas, do nível fundamental do percurso gerativo do sentido – tal como concebido pela semiótica greimasiana –, sobre as relações actanciais do nível narrativo e os efeitos de sentido produzidos no nível discursivo. Em outras palavras, interessa explicitar, por meio de um “olhar semiótico” bem ao gosto rosiano, as operações sintáticas que estão na base da estruturação discursiva da trama e que, por isso mesmo, respondem pela sua força de convocação sensível-inteligível no momento da leitura. Segundo assinala Tatit (2001, p. 14-15):

O olhar semiótico é aquele que detecta, detrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual, espacial, temporal, numa palavra, valores de ordem tensiva, mantendo – ou esboçando – entre si interações sintáticas. Essas grandezas constituem um microuniverso semântico, uma espécie de ponto de partida para as descrições, cujo objetivo último é a revelação de

uma *forma* semiótica (“a constância numa manifestação”, no dizer de Louis Hjelmslev) imanente ao texto ou, se preferirmos, a exposição das operações conceituais que atuam implicitamente no instante de sua compreensão.

Em outras palavras, a significação que nos parece emanar da superfície do texto pressupõe na realidade a compreensão de um sistema complexo de funções sintáticas que sustenta esses efeitos de sentido terminais.

A nosso ver, mais do que a história em si, destaca-se, no conto escolhido, a construção das personagens e a peculiar interação que se estabelece entre elas. Ao compor discursivamente a protagonista da narrativa e a sua relação com os pais, com a tia, e com o próprio ambiente em que vive, Rosa parece trabalhar diretamente com a base valencial dessa construção, concebendo a existência semiótica desse ator do enunciado como presença, isto é, um ‘eu’ mais oscilatório do que identitário, que habita um espaço tensivo, como se pretende mostrar, em cujo âmago a intensidade e a extensidade estão associadas (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). Isso possibilita ao escritor explorar os princípios básicos da relação intersubjetiva, os ajustes e os desajustes tensivos que a sustentam. Dessa forma, nosso objetivo na análise de “A menina de lá” será o de depreender as especificidades tensivas da interação sintática entre destinador e destinatário, entre sujeito e objeto, para melhor compreender os sentidos a partir daí produzidos.

O enredo

Para que os dados levantados na análise possam ser contextualizados e, desse modo, fazer mais sentido para nosso leitor, partiremos de uma breve apresentação do enredo de “A menina de lá”, do livro *Primeiras Estórias* (2001[1962]), de João Guimarães Rosa, adiantando que o estudo proposto na sequência será dividido de acordo com os três grandes pontos de estruturação da história: a apresentação dos atores do enunciado, a descoberta dos “milagres” de Nhinhinha e a aparição do arco-íris.

O conto narra a história de uma menina com menos de 4 anos, chamada Nhinhinha, sempre quieta em seu canto e falando coisas que ninguém entendia, “pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido” (ROSA, 2001, p. 67), “referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto” (p. 68). Ligada não às coisas ou preocupações terrenas, Nhinhinha demonstra uma ligação com o “mundo de lá”. Encanta-se com a noite e suas estrelas, com os pássaros e até mesmo com o próprio ar, diz ver parentes já mortos, afirmando que irá visitá-los.

- | Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*

Num determinado momento, os desejos da menina, para o espanto de todos, começam a se realizar de forma surpreendente. Seus familiares passam a acreditar que ela faz milagres. No entanto, ninguém consegue persuadi-la quanto a seus desejos, porque “ninguém tinha real poder sobre ela” (ROSA, 2001, p. 68). Mesmo “quando a Mãe adoeceu de dores, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que lhe falasse a cura. Sorria apenas, segredando o seu – “*Deixa... Deixa...*” – não a podiam despersuadir” (ROSA, 2001, p. 70). Depois de recusar o pedido dos pais para que quisesse a chuva, dando fim à seca, Nhinhinha, no seu tempo, desejou ver o arco-íris e, então, choveu. A menina alegrou-se sobremaneira com a sua aparição, “fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal” (p. 71). “Mas houve que, a certo momento, Tiantônia repreendesse a menina, muito brava, muito forte, sem usos, até a Mãe e o Pai não entenderam aquilo, não gostaram” (p. 71). É quando a menina volta a seu estado apático, “sentadinha, inalterada que nem se sonhasse, ainda mais imóvel” (p. 71), adoecendo e falecendo logo depois. No meio do sofrimento e da necessidade de preparar as coisas para o enterro, a tia toma coragem e revela “que, naquele dia, do arco-íris da chuva, do passarinho, Nhinhinha tinha falado despropositado desatino, por isso com ela ralhara” (p. 71), “que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes” (p. 71). O pai “em bruscas lágrimas” esbraveja dizendo que não compactuaria com tal agouro, mas a mãe discute com ele em defesa da filha até que se dá conta de que não havia necessidade de preparar nada, porque, assim como os outros, o desejo de Nhinhinha se realizaria independentemente da vontade deles.

A construção das personagens: o desajuste entre os coeficientes tensivos

Logo no início da narrativa, o enunciador apresenta três atores cuja relação estará no cerne da significação da “estória”: “o Pai”, “a Mãe” e “Nhinhinha”. Pouco se diz sobre os pais da menina, ou sobre a tia que também vive com eles, porque a atenção se dirige toda à menina, cujas particularidades (tensivas) de personalidade passam a ser descritas pelo narrador: “Parava *quieta*, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, *sempre sentadinha* onde se achasse, *pouco se mexia*” (ROSA, 2001, p. 67, grifo nosso); “com seus nem quatro anos, *não incomodava ninguém*, e *não se fazia notada*, a não ser pela *perfeita calma*, *imobilidade* e silêncios. *Nem parecia gostar ou desgostar* especialmente de coisa ou pessoa nenhuma” (p. 68, grifo nosso); “com *artística lentidão*. De vê-la tão *perpétua* e *imperturbada*, a gente se assustava de repente. [...] ela respondia, *alongada*, sorrida, *moduladamente* [...] *Fazia vácuos*.” (p. 68, grifo nosso); e ao longo da história o narrador

continua a assinalar: “*suasibilíssima*, inábil como uma flor [...] *Tranquila* [...]” (p. 68, grifo nosso); “com o mesmo *sossego* [...] veio, *vagarosa* [...] sorria, *repousada*” (p. 70, grifo nosso).

A descrição de Nhinhinha – “*menininha*, por nome Maria, *Nhinhinha* dita, nascera já *muito para miúda*” (p. 67, grifo nosso) – e de seu comportamento aponta, pois, para a cifra desacelerada e minimizada, precisamente delimitada, de sua personalidade. O ritmo de Nhinhinha é pausado, gradativo e lento, com uma densidade de presença marcada, conforme demonstra a descrição citada, por um excesso de menos (*mais menos*). Como explica Zilberberg (2011), a desaceleração supõe, da parte do actante, um apagamento, uma falta de energia, de vivacidade, o que explica o fato de Nhinhinha se fazer *quase* despercebida – “não incomodava ninguém, e não se fazia notada, *a não ser pela* perfeita calma, imobilidade e silêncios” (ROSA, 2001, p. 68, grifo nosso). De fato, a temporalidade alongada (lentidão) e a espacialidade fechada (repouso) do comportamento (fórico) da menina, sempre atrelada à continuidade, apontando, portanto, para o máximo de menos, remetem à nulidade, a uma situação-limite próxima à extinção do processo. Tal configuração permite compreender, sobretudo ao final da narrativa, a sua ligação (eufórica) com a morte. Nos momentos em que os pais se desesperam diante da parada que se impõe à continuidade de seus percursos, como quando a mãe fica doente, ou quando a seca ameaça a colheita, Nhinhinha apenas sorri e solta seu “*Deixa... Deixa...*”.

Nhinhinha se apresenta, pois, como sujeito “desligado” do campo de presença, virtualizado, e, portanto, incompleto; “uma existência *in absentia*” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 195). Isso esclarece a falta de entrosamento, o afeto átono que particulariza sua relação com os pais, com os outros – “nem parecia gostar ou desgostar especialmente de coisa ou pessoa nenhuma” (ROSA, 2001, p. 68). Falta-lhe algo que nem mesmo ela parece ainda saber o que é – “Suspirava, depois: “*Eu quero ir para lá.*” – Aonde? – “*Não sei.*” (p. 69). Em outras palavras, com uma densidade de presença mínima, a conformação final da existência semiótica de Nhinhinha é a vacuidade, uma vez que “um sujeito semiótico não existe enquanto sujeito senão na medida em que se lhe pode reconhecer pelo menos uma determinação, ou seja, que ele está em relação com um objeto-valor qualquer” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 195). Sua percepção é átona, o que explica a falta de engajamento com as coisas, com os acontecimentos:

Nhinhinha murmurava só: - “*Deixa... Deixa...*” – suasibilíssima, inábil como uma flor. O mesmo dizia quando vinham chamá-la para qualquer novidade, dessas de entusiasmar adultos e crianças. *Não se importava com os acontecimentos. Tranquila*, mas viçosa em saúde. (ROSA, 2001, p. 68, grifo nosso).

- | Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*

De acordo com Zilberberg (2011), toda grandeza discursiva vê-se qualificada, primeiramente, em termos de intensidade e extensidade e, em seguida, em termos das subdimensões controladas por elas: andamento e tonicidade (intensidade); temporalidade e espacialidade (extensidade). Segundo assinala ainda o semiótico francês (Idem), o eixo da intensidade diz respeito à força da tensão entre sujeito e objeto, quer dizer, à tonicidade e ao andamento da percepção, e o eixo da extensidade, por outro lado, é o responsável pela delimitação da amplitude do campo de percepção do sujeito, determinando a extensão, temporal e espacial, do seu universo perceptivo.

Dessa forma, podemos dizer que o campo de presença de Nhinhinha, no eixo da intensidade, tem cifra desacelerada e átona, ao contrário dos pais cuja percepção é mais acelerada e tônica; e, no eixo da extensidade, a temporalidade subjetiva (tempo fórico, elã) da menina é alongada, emissiva, permitindo entender, no nível de superfície, sua paciência e capacidade de espera, com espacialidade fechada, em repouso, nunca aflita – “*Deixa... Deixa...*” –, enquanto a dos pais é breve, remissiva e aberta, em movimento – eles se preocupam com o momento, porque, diferentemente dela, são impactados pelos acontecimentos. Conforme comenta Lima (2015, p. 43), “ela [Nhinhinha] nunca aceita que o andamento seja parecido com o acelerado, as coisas são para ela estendidas no tempo, o que leva a pressupor um entendimento implícito de sua parte de que todas as coisas têm a sua hora”.

A construção discursiva da conduta dos pais privilegia, desse modo, o eixo da intensidade, do sensível, e a do ator Nhinhinha aponta para a extensidade, para o inteligível – “Não se importava com os acontecimentos.” (ROSA, 2001, p. 68). Os coeficientes tensivos atribuídos à protagonista, sendo da ordem da extensidade e da negatividade, explicam, portanto, a individualidade e o apagamento dos laços afetivos que caracterizam a personagem, justificando o comportamento concessivo da menina – embora filha, não se abala com o sofrimento dos pais. A cifra tensiva destes últimos, que é da ordem da intensidade, choca-se com a de Nhinhinha, promovendo um assincronismo dissonante; daí, a falta de comunicação participativa, de entrosamento entre eles, que, por isso mesmo, relacionam-se de maneira distinta com os objetos, ou, mais propriamente, com os valores neles inscritos.

Diferente, por exemplo, do que acontece no conto “Substância” – também de *Primeiras estórias* –, no qual ao fim da história ocorre um ajuste entre as formulações tensivas opostas das personagens, permitindo, então, uma harmonização e uma direção narrativa comum aos dois (TATIT, 2010), em “A menina de lá”, o desajuste tensivo das personagens marca o distanciamento entre elas e o descompasso de interesses. Conforme esclarece Tatit (2001, p. 58), “os valores contínuos e gradativos, responsáveis por tensões e sentimentos vividos pelo sujeito, sustentam boa parte das decisões tomadas pelo actante”.

Esse desalinho tensivo explorado no âmbito da contraposição das características individuais das personagens (identidade vs. alteridade) trará, como veremos a seguir, consequências à interação actancial das personagens.

A estrutura narrativa do conto e os papéis actanciais: operações concessivas

Ao olharmos mais atentamente para a estrutura narrativa do conto examinado, podemos perceber que ela põe em destaque o contexto contratual, ou conflituoso, da relação entre destinador e destinatário, por intermédio dos procedimentos persuasivos e interpretativos manobrados no plano axiológico subjacente. Intimamente articulada a toda discursivização da história, a configuração das personagens de “A menina de lá” figura como se Rosa apresentasse a centralidade do componente modal (e, sobretudo, tensivo) que rege as relações complexas entre os sujeitos e os programas narrativos que a partir daí se engendram.

Diferente da menina, apresentada, no nível discursivo, pelo nome, Nhinhinha, seus pais são caracterizados prioritariamente por seu papel temático – o Pai e a Mãe (grafados no texto com a inicial maiúscula) –, o que, dando-lhes um caráter alegórico, remete, no contexto sociocultural, a uma hierarquização estereotipada de autoridade. Assim, imagina-se, para o nível narrativo, que os pais ocuparão a função actancial de destinadores de Nhinhinha, “com seus nem 4 anos” (ROSA, 2001, p. 68). Contudo, após uma breve descrição dos atores, o enunciador passa a detalhar melhor a menina e seus hábitos, chamando a atenção para a dificuldade de estabelecimento da comunicação, para o estranhamento dos outros em relação a ela: “– ‘Ninguém entende muita coisa que ela fala...’ – dizia o Pai, com certo espanto.” (p. 67); “Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências.” (p. 68).

A falta de sintonia entre a menina e os pais, justificada já pelos desajustes tensivos da configuração de ambos em nível profundo, fica ainda mais evidente a partir do momento em que ela, atualizando-se como sujeito, começa a realizar seus “milagres”. Nhinhinha pensa em alguma coisa, deseja (quer) e o fato se concretiza: “O que ela queria, que falava, súbito acontecia” (ROSA, 2001, p. 70). Trata-se da figurativização, no nível de superfície, da competência modal da menina, que se mostra dotada, no nível narrativo, de um *poder-fazer* extraordinário: primeiro o desejo de ver o sapo, depois o de comer “pamonhinha de goiabada”. Mas o problema é justamente esse, que Nhinhinha “queria muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas, o que não põe nem quita”

- | Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*

(p. 70). Quando a Mãe ficou doente e Lhe pediram que desejasse a cura, ela “sorria apenas, segredando seu – ‘Deixa... Deixa...’ – não a podiam despersuadir” (p. 70). Também quando veio forte a seca:

Experimentaram pedir a Nhinhinha: que quisesse a chuva. – “Mas, não pode, ué...” – ela sacudiu a cabecinha. Instaram-na: que, se não, se acabava tudo, o leite, o arroz, a carne, os doces, frutas, o melado. – “Deixa... Deixa...” – se sorria, repousada, chegou a fechar os olhos, ao insistirem [...] (ROSA, 2001, p. 70).

Em geral, como explica Barros (2001, p. 54), “a modalidade atualizante do poder pressupõe a modalidade virtualizante do dever”; contudo, no caso de Nhinhinha, que não reconhece os pais como seus destinadores – “o respeito que tinha por Pai e Mãe parecia mais uma engraçada espécie de tolerância” (ROSA, 2001, p. 68) –, o fazer só se dá pelo seu próprio desejo (querer autodestinado) – “não a podiam despersuadir” (p. 70); “chegou a fechar os olhos, ao insistirem” (p. 70). Esse embate na estrutura modal instituída, entre o dever que os pais Lhe tentam incutir, lógica deôntica, e o querer autodestinado de Nhinhinha, lógica volitiva, aponta para a impossibilidade de configuração da estrutura contratual, para o confronto dos programas narrativos enunciados, que, ainda assim, não chegam a se opor como PNs contrários.

A manipulação por parte dos pais é falha, porque eles, construídos por formulações figurais outras, não compartilham do mesmo universo de valores, da mesma axiologia de referência, e, assim, não encontram respaldo na interpretação do destinatário-sujeito, não têm força de intervenção sobre a filha, não conseguem fazer-fazer. Não responder à manipulação constitui mesmo a proposição de outro sistema de crença e de valores, sobretudo, se pensarmos o *dever* como modalidade ética; o que explica a natureza “estranha”² que caracteriza Nhinhinha para os outros (identidade vs. alteridade) e remete ao título do conto: “A menina de lá”. Enquanto os pais apegam-se aos valores pragmáticos e temem pela vida, a menina sequer teme a morte, vendo-a antes, como fica claro no final da história, como um valor eufórico, que a aproxima do “mundo de lá”. Para os pais, importam os valores-fins, valores de uso, enquanto para Nhinhinha interessam os valores-fluxo, próprios à emissividade e caracterizados pela lenticidade (TATIT, 2010).

2 Segundo as acepções do verbete “estranho” do *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (cd-rom)*: 1 que ou o que se caracteriza pelo caráter extraordinário; excêntrico; 2 que ou o que é de fora, que ou o que é estrangeiro; 3 que causa espanto ou admiração pela novidade; 4 que, de alguma forma, foge aos padrões de uso; 5 que desperta sensação incômoda de estranheza; 6 que não pode ser identificado ou relacionado com; 7 que se esquiva, que foge ao convívio.

Assim, como sujeitos comprometidos com universos axiológicos distintos, a definição modal dos pais é, pois, negativa. Ela comporta o caráter inelutável de um *não-poder-fazer-fazer*, de uma falta de competência enquanto destinador-manipulador para o fazer persuasivo, o fazer-criar, justificando o estado passional de frustração – “O que o Pai, aos poucos, pegava a aborrecer, era que de tudo não se tirasse o sensato proveito” (ROSA, 2001, p. 70). De acordo com Greimas e Courtés (2008), a manipulação, para ser eficaz, precisa ser sustentada por uma estrutura contratual que estabeleça uma compatibilidade de referências axiológicas, porque a troca só se realiza quando há crença compartilhada sobre o valor do objeto. Isso porque, como salienta também Barros (2001, p. 39), “o bom funcionamento da manipulação pressupõe uma certa cumplicidade entre manipulador e manipulado”; o que não é o caso do conto analisado, dada *a priori*, conforme foi demonstrado no tópico anterior, a incompatibilidade das cifras tensivas de base na construção, em nível profundo, das personagens. Sem crença compartilhada, não há fazer, uma vez que não há êxito na mobilização do *querer* ou do *dever* do destinatário-sujeito.

A função actancial de Destinador-manipulador dos pais é, dessa forma, anulada pela inversão das relações hierárquicas entre os actantes. Nhinhinha é quem passa a ocupar o papel de Destinador – ou de Antidestinador –, uma vez que é ela quem tem o poder para assegurar a continuidade do percurso narrativo dos sujeitos, mesmo que só o faça no seu tempo. A parada da parada no percurso narrativo dos pais só acontece quando ela quer. Nesse sentido, trata-se, no caso de Nhinhinha, de um destinador-julgador, mais do que manipulador, que justamente por não se identificar com o sistema de valores do senso-comum, só age no seu tempo e pelo desejo autodestinado, pelo próprio *querer*, não se deixando mover por um *dever* imposto por outros. Suas respostas às tentativas de manipulação por parte dos pais figuram sempre como uma forma de sanção negativa ao que lhe é pedido: “Mas, não pode, ué...” [...] Instaram-na: que, se não, se acabava tudo, o leite, o arroz, a carne, os doces, frutas, o melado. – ‘Deixa... Deixa...’ (ROSA, 2001, p. 70).

Como esclarece Bertrand (2003, p. 346), “a modalidade constitui uma isotopia subjacente e regente, que estrutura uma grande diversidade de efeitos de sentido de nível mais superficial”. A composição modal da menina, instituída como sujeito regido somente por seu próprio desejo, por um querer autodestinado – “Eu queria o sapo vir aqui” (ROSA, 2001, p. 69); “Eu queria uma pamonhinha de goiabada...” (p. 70); “O que ela queria, que falava, súbito acontecia” (p. 70, grifo nosso); “quis: queria o arco-íris. Choveu.” (p. 70) –, mostra-se em discordância com a atitude tímica e modal dos outros atores do enunciado, legitimando o efeito de sentido, no nível discursivo, de individualidade concessiva. Embora possa fazer, não quer fazer, ou pelo menos não naquele momento, não porque, a partir de um imaginário sociocultural preestabelecido, a queiram convencer de que

- | Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*

deve. Essa confrontação polêmico-contratual entre o desejo (individual) e a necessidade (coletiva) impede o estabelecimento do contrato fiduciário, suporte da relação entre destinador e destinatário, e intensifica no enunciado o efeito concessivo, a distância e a tensão interactorial, no plano discursivo, promovendo implicitamente o título da narrativa: “A menina de lá”.

Por outro lado, é fato que, portadora de valores emissivos, valores-fluxo responsáveis por manter o processo em curso, tal como é função do Destinador, Nhinhinha faz. No seu tempo (alongado), por sua própria vontade, mas garante a continuidade do percurso narrativo – “não houve fazer com que Nhinhinha lhe falasse a cura. [...] Mas veio, vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou [...] sarou-se então, num minuto.” (ROSA, 2001, p. 70); “chegou a fechar os olhos, ao insistirem [...] Daí a duas manhãs, quis: queria o arco-íris. Choveu.” (p. 70).

A função actancial de Destinador assumida por Nhinhinha é corroborada ainda no momento de sua morte. Mesmo que só agisse por vontade própria, parecendo até, num primeiro momento, figurar como antissujeito, como força de contenção da trajetória dos pais, pelo retardamento da ação, a ausência definitiva da menina na vida dos familiares é para eles devastadora, um doloroso sentimento de falta – “A Mãe, o Pai e Tiantônia davam conta de que era a mesma coisa que se cada um deles tivesse morrido por metade” (ROSA, 2001, p. 71), o que explica o apego imediato da mãe a ela como um Destinador transcendente – “sua filhinha em glória, Santa Nhinhinha” (p. 72). O sofrimento trazido pela morte da filha, com seu inexorável aspecto terminativo, é substituído, então, num processo de “mitificação do ator” (ABRIATA, 2003), pela fé e seu compromisso essencial com os valores emissivos. A ausência do Destinador é, assim, miticamente presentificada, “mantendo ileso, portanto, a função sintática que identifica esse actante com uma indestrutível força de ‘continuidade’” (TATIT, 2010, p. 42).

Quantificações subjetivas da presença: o efeito sobre o enunciatário

Conforme apontamos anteriormente, a composição discursiva de Nhinhinha aponta para a cifra átona e desacelerada de sua personalidade, o que faz dela um sujeito virtualizado, ou seja, desligado e abatido, se considerarmos a tipologia dos sujeitos apresentada por Fontanille e Zilberberg no capítulo “Presença” de *Tensão e significação* (2001). É somente no momento da aparição do arco-íris que a menina, num percurso de orientação ascendente, de *mais mais*, muda de atitude, havendo, então, um ganho

de densidade de presença que a atualiza (sujeito mobilizado, arrebatado) e a leva da vacuidade existencial (dêixis da ausência, virtualizante) à plenitude (dêixis da presença, realizante):

E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde e o vermelho – que era mais um vivo cor-de-rosa. Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a refrescação. Fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal. – “Adivinhou passarinho verde?” – Pai e Mãe se perguntavam. Esses, os passarinhos, cantavam, deputados de um reino. (ROSA, 2001, p. 71)

Há, portanto, um considerável aumento no grau de presença semiótica de Nhinhinha, uma mudança de acento tônico em sua subjetividade que afeta a própria relação do enunciatário com a personagem, o seu envolvimento sensível-afetivo com ela. A passagem abrupta da minimização (*mais menos*) ao recrudescimento (*mais mais*) cria, no nível de superfície, o efeito de acontecimento, de intensificação de uma vivência, que mobiliza a sensibilidade do leitor. Ademais, a plenitude existencial diz respeito ao sujeito realizado e, portanto, de posse de seu objeto-valor, o que explica a passagem do estado de atonia de Nhinhinha ao de tonicidade máxima (da carência à satisfação). De acordo com Tatit (2011a, p. 38), “é quando o sujeito sente que pode ir além, ingressando num período de cada vez *mais mais*”. Diferente da realização dos outros desejos (a proximidade do sapo, a pamonhinha de goiabada), a satisfação com a aparição do arco-íris é máxima e transbordante – máximo de intensidade (satisfação plena) –, conduzindo-a da quase-extinção (*pouco demais*) para a quase-saturação (*demais*) – “enquanto não causar saturação, o sujeito se sente apto a progredir” (TATIT, 2011a, p. 38).

Nesse sentido, na perspectiva da tensividade³, na qual parece estar apoiada a construção da conduta dos atores do enunciado de “A menina de lá”, esse ponto culminante só pode evoluir revertendo novamente a direção tensiva, isto é, passando do recrudescimento (*mais mais*) da presença à atenuação (*menos mais*), e isso é figurativizado, no nível discursivo, pela repreensão severa da tia – “Mas houve que, a certo momento, Tiantônia repreendesse a menina, muito brava, muito forte, sem usos, até a Mãe e o Pai não entenderam aquilo, não gostaram.” (ROSA, 2001, p. 71).

O processo de revertimento para evitar a saturação, é, então, iniciado, uma vez que, “quando a saturação já está instalada de acordo com um determinado julgamento,

3 Segundo Zilberberg (2006, p. 101): “[...] podemos introduzir a hipótese relativa à inflexão tensiva da sintaxe: [...] um aumento tem por objeto interno uma diminuição e de igual modo uma diminuição tem por objeto interno um aumento”.

- | Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*

só resta ao sujeito dispensar o excedente e promover uma espécie de crescimento às avessas em busca de uma medida mais moderada (*menos mais*)” (TATIT, 2011a, p. 38). Esse funcionamento implicativo do esquema tensivo produz um efeito de sentido concessivo, que se intensifica pela omissão, naquele momento da narrativa, do motivo exato da bronca de Tiantônia. É a felicidade da menina que se torna, pois, base do julgamento interpretativo do enunciatário-leitor, tal qual o dos pais da menina – “até a Mãe e o Pai não entenderam aquilo, não gostaram” (ROSA, 2001, p. 71) –, levados a crer que a repreensão da tia remete a uma censura aos efeitos de excesso da alegria.

Desse modo, a tia parece ocupar a função de destinador-julgador que sanciona negativamente a efusividade de Nhinhinha, isso porque, segundo esclarece Tatit (2011, p. 36), “tanto o sentimento de falta quanto a impressão de excesso pressupõem a intermediação de um avaliador, o chamado destinador julgador, que, no interior de um quadro axiológico, estabelece seus parâmetros de medida”.

O efeito de impacto afetivo sobre o enunciatário é ainda mais eficiente porque, para além de uma atenuação, o percurso de contenção do recrudescimento repentino da existência semiótica de Nhinhinha vai direto à minimização, que, se antes já beirava o extremo do eixo da negatividade (presença virtualizada), ao seguir em sua continuidade com ainda *mais menos* (*cada vez menos*), chega de fato à extinção (esvaziamento total) – “E Nhinhinha, branda, tornou a ficar sentadinha, inalterada que nem se sonhasse, *ainda mais* imóvel [...] E, vai, Nhinhinha adoeceu e *morreu*.” (ROSA, 2001, p. 71, grifo nosso). Conforme explica Zilberberg (2011, p. 102), “a minimização promove o retorno à nulidade, ao paroxismo de atonia que o restabelecimento [o recrudescimento, no caso do conto analisado] havia superado”. Para a dupla perplexidade do leitor, Nhinhinha vai de um extremo a outro: da vacuidade à plenitude, da minimização ao recrudescimento, e vice-versa.

É só ao final do conto que o motivo da repreensão da tia à Nhinhinha no dia do arco-íris é revelado:

Aí, Tiantônia tomou coragem, carecia de contar: que, naquele dia, do arco-íris da chuva, do passarinho, Nhinhinha tinha falado despropositado desatino, por isso com ela ralhara. O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes... A agouraria! (ROSA, 2001, p. 71)

A descoberta faz com que o enunciatário refaça o percurso de interpretação e, então, compreenda o sentido subjacente às atitudes concessivas mencionadas anteriormente. Nhinhinha havia vibrado de felicidade porque soubera, naquele instante,

que em breve iria para o “mundo de lá”, como já havia anunciado em outros momentos – “Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: – *‘Vou visitar eles...’*” (ROSA, 2001, p. 69). A tia, que tinha um universo axiológico de referência oposto ao da menina, ao atinar com a explicação para tanta alegria – a morte – não podia aceitar tal “agouraria”.

Como destaca Tatit (2010, p. 142), “a concessão, de acordo com a semiótica, é a forma discursiva mais apropriada (veloz) para se criar acontecimentos, justamente por favorecer a ocorrência do inesperado”; isso porque “a surpresa confunde o sujeito, causa-lhe divisões internas (afinal ele se sente num tempo em que ainda não deveria estar) e torna-o suscetível aos efeitos do objeto artístico” (TATIT, 2011b, p. 53). Dessa forma, o enunciatário, já sensibilizado pelo recrudescimento do elo afetivo com a menina, pela descrição do sofrimento intenso dos pais no seu falecimento, é tomado pela emoção que irrompe no discurso com a revelação de Tiantônia, numa influência bilateral entre os afetos e os efeitos.

Considerações finais

Como vimos, é no âmbito das características tensivas individuais dos atores do enunciado, as personagens, que a interação entre elas, seja no nível narrativo ou no discursivo, faz-se e dá sentido mais amplo à “estória”. A articulação dos valores tensivos que subjaz às categorias narrativas mostra a importância do ajuste entre eles para a efetivação da relação interactancial, principalmente no caso da comunicação entre destinatador e destinatário-sujeito. Estando na base da construção dos sujeitos narrativos, a formulação tensiva determina não só a identidade modal do actante, mas também a sua relação (intersubjetiva, contratual, polêmica) com os outros, surtindo a partir de então certos efeitos de sentido no nível mais superficial do enunciado.

No conto analisado, a construção das personagens, como vimos, resulta de formulações tensivas opostas que impedem qualquer entrosamento imediato: o ritmo suave e desapressado de Nhinhinha não se adapta à celeridade existencial dos parentes, colocando tudo em compasso de espera. Ao opor a cifra tensiva de base da conduta dos atores do enunciado, o enunciador estabelece uma relação conflitante entre os actantes, a qual acaba por explicar, no nível discursivo, o caráter concessivo da relação intersubjetiva de Nhinhinha com os que a cercam.

Em “A menina de lá”, encontramos, portanto, um verdadeiro estudo sobre a base valencial da significação, sobre as modulações da presença, as condições de modalização

- | Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*

das relações entre sujeitos, entre sujeito e objeto, sobre a natureza das relações e dos sentimentos humanos, mostrando que também esses são regidos e determinados por princípios tensivos.

Referências

ABRIATA, V. L. R. “A menina de lá” e “Um moço muito branco”: um diálogo mítico. **Itinerários**, n. 20, ed. esp., p. 217-225, 2003. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2710/2426>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2001.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução do Grupo CASA, sob a coordenação de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru: EDUSC, 2003.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Humanitas, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias et al. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, L. M. **Morte e finitude à luz do encantamento em Primeiras Estórias, de Guimarães Rosa**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

ROSA, J. G. A menina de lá. In: _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001. p. 67-72.

TATIT, L. **Análise semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

_____. Quantificações subjetivas: crônicas e críticas. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 42, Dossiê: Linguagens em diálogo, p. 35-50, 2011a. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/42/artigo2.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

_____. **Musicando a semiótica**. São Paulo: Annablume, 2011b.

ZILBERBERG, C. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial; 2011.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: LIMA, Eliane Soares de. Tensividade e intersubjetividade no conto “A menina de lá”, de *Primeiras Estórias*. **Revista do GEL**, v. 15, n. 1, p. 115-129, 2018. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v15i1.1859>

Submetido em: 08/10/2017. | **Aceito em:** 30/01/2018.
